economia

Grupo CPFL pretende investir R$ 14,7 bilhões no RS até 2030

CPFL Transmissão inaugurou nova sede no Tecnopuc, em Porto Alegre

/ ENERGIA

Jefferson Klein
jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

ARTUR KOCH/JC



Anúncio de aporte foi feito pelo presidente da companhia, Gustavo Estrella

Nos segmentos de transmissão e distribuição de energia, a CPFL Energia pretende aportar no Rio Grande do Sul R$ 14,7 bilhões, entre os anos de 2026 e 2030. O anúncio foi feito ontem pelo presidente da companhia, Gustavo Estrella, durante a inauguração oficial da nova sede da CPFL Transmissão no Tecnopuc, em Porto Alegre.

De acordo com o executivo, essas ações (investimentos e nova sede) demonstram a importância do Rio Grande do Sul para as atividades do grupo. No Estado, a empresa controla a distribuidora RGE, que fornece energia a 381 municípios, e possui, por meio da CPFL Transmissão, o maior parque de transmissão local, com mais de 6 mil quilômetros em linhas.

Nesse setor, a companhia contempla todas as regiões do Rio Grande do Sul, correspondendo a aproximadamente 60% do serviço de transmissão no território gaúcho envolvendo subestações e linhas de transmissão.

A empresa deu um salto na sua relevância nesse campo ao adquirir, em 2021, a Companhia Estadual de Transmissão de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul (CEEE-T). Na ocasião, o grupo venceu o leilão pela estatal com uma oferta de R$ 2,67 bilhões, que representou um ágio de 57,13% em relação ao preço-mínimo estipulado.

Antes da inauguração da nova sede, a CPFL Transmissão ocupava um espaço na avenida Bahia, na capital gaúcha. Desde agosto operando na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), investiu cerca de R$ 6 milhões para reformar quatro andares do prédio 16 da universidade e começar sua operação. A empresa conta no local com cerca de 300 colaboradores.

Estrella frisa que o setor de energia possui vários desafios pela frente e necessitará repensar a forma do negócio. "E não é possível fazer isso sem levar em consideração a tecnologia e a inovação", afirma o presidente da CPFL Energia. Presente na cerimônia desta terça-feira, o reitor da Pucrs, Manuir José Mentges, deu as boas-vindas à companhia ao Tecnopuc. "Uma sede é mais que um local de trabalho, é a expressão de uma escolha", enfatiza o reitor. Ele ressalta que o ambiente do Tecnopuc é de trocas e colaborações entre seus agentes.

Por sua vez, o vice-governador e governador em exercício, Gabriel Souza, salientou a característica de inovação do povo gaúcho e reforçou as boas-vindas à CPFL ao Tecnopuc. Ele ainda acrescentou que a questão de energia interessa de maneira essencial ao Rio Grande do Sul, pois será necessária para alimentar projetos como, por exemplo, de data centers que pretendem se instalar no Estado.

Estado concentra maior parte dos investimentos da CPFL Energia no País

De um total de cerca de R$ 32 bilhões que a CPFL Energia pretende aportar no Brasil nos segmentos de geração, transmissão e distribuição, entre 2026 e 2030, quase metade desse investimento será no Rio Grande do Sul (em torno de R$ 14,7 bilhões). No Estado, comenta o presidente da empresa, Gustavo Estrella, serão aplicados aproximadamente R$ 4,7 bilhões em transmissão e R$ 10 bilhões em distribuição (a companhia é controladora da RGE, concessionária que fornece energia para 381 municípios gaúchos). Somente neste ano, no Rio Grande do Sul, a CPFL deve desembolsar em obras e melhorias cerca de R$ 3 bilhões.

Jornal do Comércio - Dos R$ 14,7 bilhões que a CPFL pretende investir no Rio Grande do Sul nos próximos cinco anos, como será a divisão do encaminhamento dos recursos?

Gustavo Estrella - Em torno de R$ 10 bilhões na distribuição e R$ 4,7 bilhões na transmissão. Na verdade, é um plano que a gente vem fazendo concentrado no Rio Grande do Sul em função dos eventos climáticos. Sentimos uma necessidade de enrobustecer a rede (elétrica), de alguns anos para cá, para fazer frente aos desafios que enfrentamos aqui. Quase 100% do nosso investimento em transmissão está no Rio Grande do Sul e na distribuição temos mais ou menos 30% da nossa base de clientes.

JC - Que ações estão sendo tomadas para amenizar os efeitos climáticos adversos no serviço de fornecimento de energia?

Estrella - Eu sempre dou o exemplo da troca dos postes de madeira (principalmente por unidades de concreto). Em 2019, 40% ainda eram unidades de madeira (na área de distribuição da empresa no Rio Grande do Sul), hoje são 7%. A gente sabe que, com esses eventos climáticos, um poste de madeira não aguenta. Os que sobraram hoje são os postes em melhor estado, mas ainda assim há planos de troca, embora menos urgentes. Nesses últimos anos, a gente chegou, em média, a trocar 100 mil postes por ano. Na RGE, havia dois grandes pontos a serem tratados: o primeiro os postes de madeira e o segundo a vegetação (que pode cair e danificar a rede elétrica).

JC - O que está sendo feito quanto à questão da vegetação?

Estrella - Aí entra muito a parceria que a gente tem com o governo do Estado, que nos apoia no manejo da vegetação, com a poda ou a remoção de árvores. A remoção é feita sempre com o replantio de uma para cinco, ou seja, para cada árvore que precisamos remover, plantamos cinco. Hoje, mais de 80% das ocorrências de emergência decorrem de problemas com a vegetação.

JC - Há outras medidas que estão no radar para tornar o fornecimento elétrico mais seguro?

Estrella - Estamos entrando muito com digitalização e automação. Cada vez mais usando religadores automáticos, onde através do centro de operação a gente consegue monitorar alguma falha na rede. A ideia é que se consiga isolar aquele ponto que teve falha para manter os outros ligados. E para o ano que vem tem um projeto de medição inteligente que começa com investimento em telecomunicações.

JC - No que consiste essa iniciativa?

Estrella - Na troca de medidores (de energia) por equipamentos que têm conexão com o centro de operação da distribuidora. Assim, não é preciso mais fazer a leitura de cliente a cliente. Isso traz uma gestão de rede muito melhor. Com essas ações somadas conseguimos dar uma resposta mais rápida. Se olharmos o principal indicador do setor, que é o DEC (Duração Equivalente de Interrupção por Consumidor), o número de horas que o cliente fica desligado ao longo do ano na RGE saiu de 16 horas para nove horas, em cerca de cinco anos.

> Quase 100% do nosso investimento em transmissão está no RS e na distribuição temos mais ou menos 30% da nossa base de clientes

JC - Como será o processo de implantação desses medidores inteligentes?

Estrella - A gente começará pelas regiões metropolitanas e depois vamos espalhar para toda a área de concessão.

JC - Qual a sua avaliação sobre a perspectiva da abertura do mercado livre (em que o consumidor escolhe de quem comprar a geração de energia) para o cliente em baixa tensão (residências)?

Estrella - O primeiro ponto e o mais importante é que se estabeleça as regras e a regulação necessárias para esse processo de abertura. Isso é fundamental. Se olharmos as experiências ao redor do mundo, os países tiveram dois a três anos prévios à abertura de mercado para definir os papéis do que cada um vai fazer, mantendo os negócios sustentáveis. Eu acho que o mercado tem que abrir, mas desde que se faça da forma correta, preservando cada um dos elos da cadeia.

JC - A CPFL participará do leilão de sistemas de armazenamento de energia em baterias (BESS) programado para dezembro?

Estrella - Vamos participar. É mandatório que o Brasil tenha capacidade de armazenamento no curto prazo. Esse leilão sozinho não resolve. Se fala em alguma coisa de 2 mil MW (cerca de metade da demanda média de energia do Rio Grande do Sul), que é muito pouco para o tamanho da geração que temos no Brasil, mas é um começo de investimento.

JC - E a CPFL deverá concorrer ao certame de transmissão que será disputado em 2027 e ofertará um lote para a construção de linhas e subestações de energia nas regiões de Cruz Alta e Panambi?

Estrella - Eu acho que sim. A CPFL vem de uma história de investimento em transmissão em que, de fato, a grande virada desse jogo foi a privatização da CEEE-T (Companhia Estadual de Transmissão de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul), em 2021. A gente ganhou escala e know-how em transmissão. Com isso, aumentamos nossa competitividade nos leilões. Quando a gente olha para o Sul, especialmente para o Rio Grande do Sul, a CPFL tem uma vantagem ainda mais clara e evidente depois da compra da CEEE-T.